

Pinga ou cachaça: o que implica a realização dessas variantes?

DANDARA FERREIRA NIZ DE ARAÚJO BRAGA

Licenciada em Letras (Português-Latim) pela Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: padsb.foot@gmail.com

ISABEL FRANCO DE CARVALHO

Bacharela em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: isabelfc95@gmail.com

JÚLIA CAMILA DE SOUSA

Graduanda em Letras (Português) pela Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: julliacs25@gmail.com



Resumo: Este artigo foi baseado na realização de um trabalho de graduação do ano de 2017, sob a perspectiva da sociolinguística, sobre a variação lexical de itens linguísticos que referenciam a bebida destilada da cana. Nesse contexto, variantes como *cachaça* e *pinga* são, geralmente, usadas para designar o mesmo referente. Adaptando a metodologia da pesquisa de Labov (1972) sobre o uso do /r/ retroflexo no final de sílaba em lojas de departamento de Nova Iorque, visitamos bares da cidade de Belo Horizonte e realizamos breves entrevistas com os atendentes desses estabelecimentos. Buscamos averiguar a realização das variantes no contexto de venda de bebidas alcoólicas, considerando a diferença na estratificação social dos bares. Após a coleta em sessenta e nove bares, os resultados compartilhados neste texto mostraram que a variante *cachaça* é mais prestigiada do que a variante *pinga*, embora a primeira variante estivesse presente em quase todos os contextos averiguados.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Variação lexical. Léxico. Cachaça.

Abstract: This article was based on the realization of an undergraduate study in 2017, from the perspective of sociolinguistics, on the lexical variation of linguistic items that refer to the distilled beverage from sugarcane. In this context, variants such as *cachaça* and *pinga* are generally used to designate the same referent. Adapting the methodology of the research by Labov (1972) on the use of the /r/ retroflex at the end of a syllable in department stores in New York, we visited bars in the city of Belo Horizonte and conducted brief interviews with the attendants of these establishments. We seek to verify the realization of the variants in the context of the sale of alcoholic beverages, considering the difference in the social stratification of bars. After the collection in sixty-nine bars, the results shared in this text showed that the *cachaça* variant is more prestigious than the *pinga* variant, although the first variant was present in almost all investigated contexts.

Keywords: Sociolinguistic variation. Lexical variation. Lexicon. Liquor.

Considerações iniciais

O presente artigo é baseado no trabalho feito como requisito para a disciplina de graduação Teoria da Variação e Mudança Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, no curso do primeiro semestre de 2017. Nesse contexto, tínhamos como objetivo propor uma pesquisa acerca do uso lexical que designa a bebida destilada da cana em bares de Belo Horizonte. No trabalho, as variantes lexicais dependentes que esperávamos encontrar no decorrer da pesquisa eram *pinga* e *cachaça*, mas admitimos outras que, porventura, foram encontradas na coleta de dados. Para tanto, partimos dos princípios traçados pela perspectiva teórico-metodológica estabelecida pela sociolinguística variacionista (LABOV, 1972), que tem como propósito de estudo a variação e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala.

De acordo com essa abordagem teórica, o sistema linguístico é configurado pela variabilidade, ou seja, o fato de que pode haver mais que uma forma linguística expressando o mesmo significado. Para Labov (1972), a definição de língua deve considerar o contexto social, o que atribui à língua uma função comunicativa. Nesse sentido, a competência de todo falante é heterogênea e ordenada, ou seja, todo falante, já no seu nível de idioleto, compartilha atitudes e valores semelhantes em relação à língua; assim, a comunidade de fala “é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua” (Labov, 1972, p. 158).

Segundo Biderman (2001, p. 13), “a criação do léxico tem se processado por meio de atos consecutivos de aquisição da realidade e da categorização das experiências que se cristalizam em signos linguísticos, as palavras”. Desse modo, pode-se perceber que o ser humano estrutura o mundo que o rodeia utilizando o léxico de uma língua natural para dar nome aos objetos e aos seres. Essa é uma maneira de construir o conhecimento da língua ao identificar semelhanças e diferenças que individualizam tais seres e objetos com identidades diferentes.

Conhecida desde o período colonial pelos brasileiros e apreciada por muitos, a *aguardente*, produção alcoólica advinda da cana-de-açúcar, era muito consumida em salões de festas, bares e botecos. Porém, a palavra *cachaça* só teve o primeiro registro em 1651 conforme aponta o “*Registro de huma carta que os officiaes da câmara escreveram a sua majestade*” (SEABRA, 2015, p. 6). Isso nos leva a pensar que essa variação foi consagrada há muitos anos, principalmente quando a economia começou a ser baseada no comércio dessa especiaria. A seguir, está o trecho de “*Registro...*” (1961, p. 31) em que há ocorrência de *cachaça*:

[...] se Vossa Magestade nos não acudir com seu amparo ficaraõ todos deminutosea Fazenda deVossaMagestade sem ter com que sustente seus prezidios em tempo que as pipas de vinho pagavaõ sete mil reis fizeraõ os Mercantes desta Praça peticoens ao Governo que lhe mandasse excluir a agoa ardente e cachaça que rendia aVossaMagestade por Contracto seis mil cruzados [...]. (SEABRA, 2015, p. 6).

Levando em consideração os fatos linguísticos ocorridos ao longo da formação da comunidade brasileira e a criação de novos vocabulares, o léxico brasileiro foi sendo sedimentado e perpetuado na tradição. O objetivo do nosso trabalho foi, justamente, descobrir qual variante com o mesmo significado de *cachaça* é mais utilizada e qual é a mais prestigiada pelos belorizontinos. Ademais, esperava-se descobrir se tais variantes tinham possíveis distinções de acordo com o contexto de fala.

A realização desta pesquisa acerca da variação lexical *cachaça/pinga* justificou-se pelo fato de essa exploração linguística ter nos proporcionado o estudo de quais os fatores influenciam o falante a usar determinada variante. Buscamos informações em bares de Belo Horizonte interagindo com os atendentes dos estabelecimentos. Os fatores avaliados foram, principalmente, o lugar em que o falante trabalha, tendo em vista os aspectos socioeconômicos da localidade em que o bar se encontra; conseqüentemente, a condição socioeconômica do público-alvo do estabelecimento, e a escolaridade do atendente. Nesse sentido, supusemos inicialmente que a variante *cachaça* era mais prestigiada do que a variante *pinga* ou quaisquer outras.

Portanto, nossa hipótese partia da ideia de que a variação ocorre em função de fatores tanto diafásicos (por contexto comunicativo) como diastráticos (por estrato sociocultural) que influenciam a escolha da palavra para se referir a uma mesma bebida. Nesse sentido, imaginamos que a *cachaça* era a variante mais prestigiada, por ser o nome que consta escrito nas garrafas desse tipo de bebida, pois a escrita pode ser considerada um indício de que uma forma usada na língua falada se estabeleceu na norma culta.

Revisão bibliográfica

No caso do falar regional mineiro, o léxico e a fonética são aspectos que se diferenciam de outras regiões brasileiras. Aqui, tratamos dos aspectos lexicais dos falares de Belo Horizonte. Os contextos socioculturais em que uma língua ocorre podem determinar as variações, explicando e justificando fatos que apenas no âmbito do sistema linguístico seriam difíceis de delimitar. Em relação ao léxico, essa afirmação também é autêntica, visto que os valores das comunidades humanas podem ser refletidos no uso lexical.

Segundo Barbosa (1993, p. 1), “o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores.” As unidades lexicais e suas relações com o contexto são objeto de estudo para se apreender e explicar a visão de mundo de um grupo a partir da cultura e da tensão entre indivíduo e sociedade.

Assim, outra concepção importante para a análise da presente pesquisa é a comunidade de fala. Labov (1972) afirma que uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e atitudes sociais perante uma língua:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela

uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso. (LABOV, 1972, p. 120- 121).

Essa unidade social tem duas funções na teoria sociolinguística. Primeiramente, certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar, a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais visando à estruturação das línguas (construções abstratas).

Segundo Preti (2003), o estudo do prestígio social de componentes do léxico de uma língua deve levar em conta a expectativa que presente na relação entre os falantes. Com base nisso, supomos que a variante lexical mais prestigiada nem sempre é a variante que atende à expectativa dos falantes em determinados contextos de comunicação. Visto isso, é importante considerar a relação entre os falantes na situação de interação.

É o léxico que melhor exprime, portanto, a diversidade de valores das estruturas sociais através dos usos das palavras já existentes. Dessa forma, o presente trabalho demonstrou como a escolha lexical entre *cachaça* e *pinga*, que foram as variantes mais utilizadas, depende principalmente da estratificação social do contexto de comunicação.

Para melhor compreendermos essas observações, detalhamos a metodologia da pesquisa na seção a seguir.

Metodologia

Para a variável dependente escolhida (uso lexical que designa um tipo de bebida alcoólica específica), propusemos as variantes *pinga* e *cachaça*, sugeridas pelos membros da pesquisa, e as variantes com, no mínimo, três ocorrências no *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (CARDOSO, 2014). Desse modo, as variantes esperadas eram, portanto: *pinga*, *cachaça*, *aguardente*, *cana/caninha*, *branquinha*, *água que passarinho não bebe*, *pitu*, *birita* e *aperitivo*. Ainda acrescentamos *restilo* e *goró*, que foram atestadas como regionalismos presentes em Minas Gerais (YIDA, 2011).

Todavia, acolhemos, conforme decisão prévia, as outras variantes que apareceram durante a coleta. Por isso, após a coleta, acrescentamos as seguintes variantes: *salinas*, *shot*, *dose*, *drink*, *meiota* e *marvada*. Essas duas últimas já constavam no *corpus* do ALiB (2014), mas com baixa incidência.

A investigação acerca da variação proposta, como pertencente ao ramo da sociolinguística, engloba fatores extralinguísticos. Esses fatores são as variáveis independentes extralinguísticas que possivelmente afetam a variação lexical *pinga/cachaça*(...). Fomos inspiradas pela pesquisa de Labov de 1972 sobre o uso do *r* retroflexo no final de sílaba em lojas de departamento de Nova Iorque, em que o contexto comunicativo varia pela estratificação social do local de trabalho dos sujeitos da realização linguística. Então, de forma análoga, limitamo-nos a considerar a ocorrência das variantes em contexto de bares da cidade de Belo Horizonte onde a bebida referida era vendida pelos atendentes/funcionários dos estabelecimentos.

Portanto, buscamos distinguir a estratificação social dos bares. Para tanto, registramos (a) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro ou região; (b) se havia a uniformização dos atendentes/funcionários; (c) o nome da rua onde se localizava o bar visitado; e (d) o preço de uma bebida de marca específica que fosse comum à maioria deles, no caso, o preço de 600ml da cerveja Brahma. Outra variável independente relativa à ocupação/ao trabalho do sujeito pesquisado diz respeito a (e) o tempo atuando/empregado no estabelecimento. Isso pode nos indicar até que ponto considerar a variante eliciada como a predominante no estabelecimento.

Quanto ao item (a), o IDH regional, dividimos os estabelecimentos em IDH alto, médio e baixo, com base nas regiões das Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH) com índice fornecido pelo Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil (PNUD, 2013). Para este trabalho, definimos que o IDH alto apresenta valores a partir de 0,900; o IDH médio tem valores entre 0,850 e 0,899; e o IDH baixo apresenta valores menores que 0,849. Nesses moldes, foram visitados 35 bares em regiões de IDH alto, 11 bares em região de IDH médio e 23 bares em regiões de IDH baixo.

As regiões de IDH alto eram: *Cidade Nova/Nova Floresta/União* (9 bares visitados); *Savassi: Boa Viagem/Funcionários* (14 bares visitados) e *Barro Preto/Centro/Santa Efigênia* (12 bares visitados). A região de IDH médio era: *Paquetá/Engenho Nogueira/Ouro Preto* (11 bares visitados). Por fim, as regiões de IDH baixo eram: *União* (6 bares visitados), *Tirol: Átila de Paiva/Ademar Maldonado/João Paulo II* (7 bares visitados), *Lindeial/Jatobá* (5 bares visitados) e *Alpes/Nova Granada/Santa Sofia* (5 bares visitados).

Quanto ao item (d), o preço de 600 ml da cerveja comum da marca Brahma vendida em cada local, também dividimos os estabelecimentos entre alto, médio e baixo com base nesse preço. Assim, os preços maiores do que R\$ 9,00 foram considerados altos, os preços de R\$ 7,00 até 8,99 foram considerados médios e os preços de R\$ 5,00 até R\$ 6,99 foram identificados como baixos. Foram visitados 15 bares com preço alto, 37 bares com preço médio e 11 bares com preço baixo. Entretanto, 6 estabelecimentos não vendiam cerveja comum da marca Brahma, por isso não foram contabilizados nessa classificação.

Desse modo, tentamos definir a estratificação social dos estabelecimentos por meio desses critérios. Porém, diferentemente de Labov (1972), consideramos outras variáveis independentes extralinguísticas que não eram diretamente relacionadas ao trabalho do atendente. Foram selecionadas quatro variáveis independentes extralinguísticas diastráticas do sujeito pesquisado: gênero, idade, cor, escolaridade; e duas variáveis diatópicas: residência atual e residência(s) passada(s).

Quanto à seleção da variável gênero, Paiva (1992) ressalta que estudos anteriores indicam uma diferença de comportamento entre homens e mulheres em função do prestígio de uma variante linguística. Na sociedade ocidental, acredita-se que as mulheres tenham maior sensibilidade às formas de prestígio do que os homens, principalmente na classe média. Por isso, elas tenderiam a realizar a variante de maior prestígio.

A idade pode nos atentar para processos de mudança linguística atestadas pelo tempo aparente. O tempo aparente é visto pela tendência de realização de uma ou outra variante concomitante à evolução das faixas etárias. Essa interpretação pressupõe que o

sistema linguístico de um falante regular é formado aos 15 anos de idade (NARO, 1992). Assim, uma pessoa de 40 anos em 2017 possuiria o sistema linguístico falado em 1977.

Consideramos, também, a cor do atendente, podendo ele definir-se branco, pardo, negro ou outro. Essa variável independente está ligada ao fator histórico-social, uma vez que a sociedade brasileira e, conseqüentemente, a mineira, estruturou-se de forma segregativa no que se refere aos diferentes tons de pele, e os efeitos disso ainda podem ser percebidos atualmente. Vale lembrar que optamos pela autodeclaração, congruente à proposta de controle racial do IBGE.

Também, é sabido que o fator escolaridade afeta a realização linguística dos falantes, pois o acesso à escola geralmente implica o ensino da gramática normativa e o contato com a norma culta, a qual é de uso mais frequente no ambiente escolar. Além disso, a residência passada associada à idade do falante quando ele abandonou a antiga residência busca diagnosticar quaisquer possíveis influências diatópicas na(s) variante(s) utilizada(s), especialmente em se tratando de variantes inesperadas usadas pelos falantes.

Por fim, consideramos uma questão a respeito de uma variável independente não mencionada acima, que abrange a diastratia do entrevistador. Allan Bell (1984, *apud* Bortoni-Ricardo, 2005) argumenta que as características do interlocutor de uma mensagem podem alterar a escolha estilística referente à maneira do falante de veicular tal mensagem. Portanto, consideramos que, em uma situação comunicativa, pode haver diferença na escolha das formas realizadas em função do gênero do interlocutor. Optamos por fixar o gênero do entrevistador, devido à presença somente de pessoas do gênero feminino na equipe.

As variáveis independentes linguísticas, por se tratar de uma variação lexical, se limitam às características semânticas e sintáticas da variante eliciada. Uma possível variável semântica foi fixada como [+genérico], pois o fenômeno trabalhado implica a referência genérica a uma classe de bebidas. Outras variáveis dependentes linguísticas, como a função sintática, não julgamos influenciar a escolha da forma realizada (GRYNER; OMENA, 1992).

O significado, entretanto, pode variar, sendo uma nova influência na escolha lexical. Admitir a diferença de significado implicaria a adoção de uma perspectiva semelhante à de Lavandera (1984, *apud* Silva 1992), na qual se preza pela comparabilidade funcional entre as formas variantes e não pela sua equivalência semântica. Nesse caso, mesmo as formas podendo associar-se a referentes diferentes, a troca de uma forma pela outra não altera sua funcionalidade. Uma garrafa de bebida alcoólica pura da marca 51 que estivesse no meio de outros tipos de bebida, como conhaque, vinho e rum, poderia ser chamada de garrafa de *pinga* ou de garrafa de *cachaça* sem causar problema de compreensão ao interlocutor.

Além disso, o uso sequencial de variantes, distintas ou não, imaginamos ser um fator importante para a investigação. Selecionamos algumas questões propostas por Scherre (1998) sobre o paralelismo linguístico, adaptando-as para o uso de variantes lexicais em sequência. Buscamos entender as motivações em competição que afetam as realizações em sequência de variantes linguísticas.

Assim, já estabelecemos a variável dependente: o léxico usado para referir-se à bebida alcoólica destilada da cana, e as variantes *pinga*, *cachaça*, *aguardente*, *cana/caninha*,

branquinha, água que passarinho não bebe, pitu, birita, aperitivo, restilo e goró. As variáveis independentes diastráticas e diatópicas do indivíduo pesquisado: gênero, idade, cor, escolaridade, residência e estratificação social do local de trabalho. As variáveis independentes diastráticas do entrevistador: gênero. E as variáveis independentes linguísticas: função sintática e uso sequencial de variantes.

A fim de coletar os dados, realizamos entrevistas com atendentes de bares em diferentes localidades de Belo Horizonte. Os atendentes eram, por vezes, os próprios donos dos bares e familiares, ou eram funcionários balconistas e garçons.

Testamos a eliciação pela pergunta “Qual o nome da bebida alcoólica que vem da cana de açúcar? ”, semelhante à metodologia utilizada na coleta do *corpus* do ALiB (YIDA, 2011). Entretanto, buscando maior naturalidade na realização da variante, preferimos eliciá-la como clientela, por meio da pergunta: “Aqui tem dose de quê? ”. Nessa situação, se fossem listados apenas nomes de marcas de bebidas, prosseguíamos com a pergunta: “A bebida X é conhaque? ”, quando era sabido que a bebida X era do tipo pinga/cachaça.

Ora, se fossem listadas algumas bebidas destiladas não compatíveis com nosso interesse, como tequila e vodka, perguntávamos se havia alguma com preço mais acessível, o que causava a ocorrência da variante esperada. Caso contrário, consideramos, então, a eliciação por meio da pergunta “Aqui tem bebida tipo 51? ”, que se mostrou mais efetiva. Ora, se a tentativa de eliciação não fosse, contudo, bem-sucedida, e o bar oferecesse caipirinha em seu repertório, perguntávamos: “a caipirinha daqui é feita com o quê? ”.

Para cada eliciação, anotamos até três variantes, na ordem de realização, caso nos deparássemos com o uso de variantes distintas ou da mesma variante sequencialmente. Isso serviu para analisarmos as possíveis motivações dos falantes na escolha da variante, relacionando a escolha lexical ao prestígio atribuído a alguma das formas pelo próprio falante.

Assim, explicávamos, após o processo de eliciação, que se tratava de uma pesquisa e convidávamos o atendente do bar a participar, sendo que nem o sujeito nem o bar seriam identificáveis pelos dados da pesquisa. Se aceita a proposta, coletávamos os dados diastráticos e diatópicos e a opinião pessoal acerca das variantes pelas perguntas: (1) qual a variante mais comum no estabelecimento, (2) qual variante que o falante considera de maior prestígio, (3) qual a variante que ele usa no meio familiar e (4) se há diferença de significado entre as variantes *pinga* e *cachaça*. Então registrávamos os dados em uma tabela impressa, que preferimos como meio de registro ao invés de aparelhos eletrônicos por questões de segurança. Se, contudo, fosse negada a participação na pesquisa, anotávamos apenas a(s) variante(s) utilizada(s) e seguíamos para o próximo atendente ou para o próximo bar.

Fizemos a coleta de dados, primeiramente no bairro União e no bairro Ouro Preto. A partir dessa primeira etapa de coleta, observamos uma tendência variacional que relaciona os bares mais bem avaliados socialmente e a não realização da variante *pinga*, mas de outras variantes como *cachaça*, *aguardente* e *aperitivo*. A pesquisa prosseguiu pelas seguintes localidades: Centro, Savassi e Tirol, contabilizando sessenta e nove bares. O objetivo era abranger bairros que apresentassem uma gradação de valores de IDH cujos extremos fossem relativamente distantes. O detalhamento desse resultado e das

tendências gerais obtidas pelo cruzamento de variáveis e do uso de variantes constam na seção de Apresentação e análise de dados, adiante.

Apresentação e análise de dados

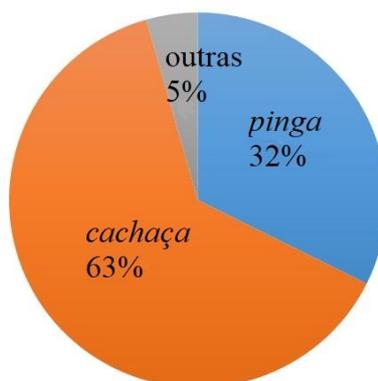
Nesta seção apresentamos e analisamos os dados obtidos pela coleta em bares de Belo Horizonte. Ela foi dividida nas seguintes subseções: Variante eliciada, Variante eliciada e estratificação social, Variante (mais) comum segundo o atendente e estratificação social, Variante eliciada e gênero, Variante eliciada, gênero e estratificação social, Variante de prestígio e local de residência prévia e, por fim, Limitações do trabalho.

Variante eliciada

No momento da eliciação, obtivemos somente 66 variantes, visto que, em 3 bares, não foi possível realizar a eliciação. As seguintes variantes eliciadas foram: *cachaça* (41), *pinga* (21), *aperitivo* (1) e *salinas* (2). Desse modo, as eliciações da variante *cachaça* somam, aproximadamente, 63% dessas ocorrências, da variante *pinga* somam 32% delas e as variantes *aperitivo* e *salinas* correspondem, juntas, a 5%.

O Gráfico 1 traz a porcentagem desses dados gerais e mostra como a variante *cachaça* sobressaiu, a qual consideramos ser a variante mais prestigiada. A eliciação predominantemente da variante *cachaça* pode ser devido a diversos fatores, tanto pelo gênero feminino das entrevistadoras, o que julgamos que poderia motivar o falante a usar a variante de prestígio, como pela alta estratificação social de grande parte dos bares visitados.

Gráfico 1: Percentual das realizações das variantes eliciadas *pinga*, *cachaça* e outras, tendo em vista o total das realizações eliciadas.



Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Observamos, em diversas localidades, comentários dos atendentes que nos encaminharam a manter nossa hipótese sobre o prestígio da variante *cachaça*.

Acrescentamos, contudo, que encontramos uma forte estigmatização da variante *pinga*. Entre eles, destacamos um atendente uniformizado de um bar localizado em região com IDH médio e com preço da cerveja médio. Ele afirmou que, como era *bartender* profissionalmente, considerava que “não existe *pinga*, só existe *cachaça*”. Outro atendente uniformizado, de um bar localizado em UDH avaliado como médio e preço da cerveja alto, afirmou que a forma correta de falar era *cachaça*, e que *pinga* era a forma errada. Um atendente, também uniformizado, em UDH de índice médio, disse que havia grande preconceito naquela região com a variante *pinga*.

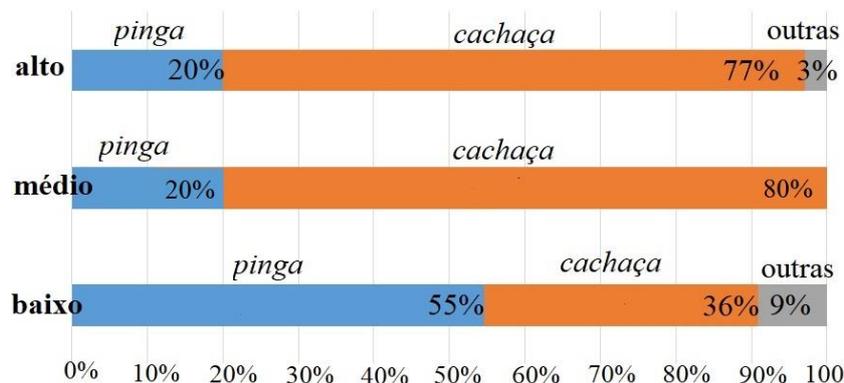
Variante eliciada e estratificação social

A fim de diagnosticar se há diferença na eliciação de determinada variante em virtude da estratificação social do bar, cruzamos o número de variantes eliciadas ao preço de 600ml da Brahma e ao IDH da região do bar. Os cruzamentos foram feitos separadamente, e obtivemos a relação expressa em porcentagem, nos Gráficos 2 e 3.

Os dados do Gráfico 2 correspondem às variantes realizadas no momento da eliciação. Em regiões de IDH alto, houve o maior número de ocorrências da variante eliciada *cachaça* (25), seguida de *pinga* (7) e, então, outras variantes (1). Em regiões de IDH médio, foi registrada maior ocorrência de *cachaça* (8), seguida de *pinga* (2) e não ocorreram outras variantes (0). Nas regiões com IDH baixo, *pinga* (12) foi a que mais ocorreu, seguida de *cachaça* (8) e, então, de outras variantes (2).

Percentualmente, temos que, nas regiões de IDH alto, 20% das eliciações acarretaram a ocorrência da variante *pinga*, 77% para *cachaça* e 9% para outras variantes. Por sua vez, nas regiões de IDH médio, 20% das eliciações corresponderam a *pinga* e 80% a *cachaça*. Por fim, nas regiões de IDH baixo, 55% das eliciações foram da variante *pinga*, 36% da variante *cachaça* e 9% de outras variantes.

Gráfico 2: Percentual das realizações de cada variante eliciada nas regiões com Índices de Desenvolvimento Humano alto, médio e baixo.



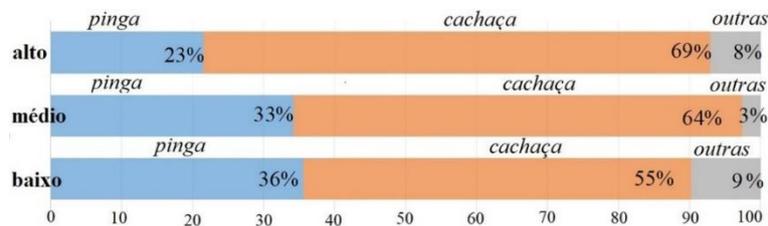
Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Os dados percentuais do Gráfico 3 se baseiam nos seguintes números: nos estabelecimentos com cerveja de preço alto, houve a eliciação de *pinga* em 3 ocorrências,

de *cahaça* em 9 ocorrências e de outra variante em 1 ocorrência; onde o preço da cerveja era médio, houve a eliciação de *pinga* em 14 ocorrências, de *cahaça* em 26 ocorrências e de outra variante em 1 ocorrência; e, por fim, onde o preço da cerveja era baixo, houve a eliciação de *pinga* em 4 ocorrências, de *cahaça* em 6 ocorrências e de outra variante em 1 ocorrência.

Percentualmente, conforme o Gráfico 3, nos estabelecimentos com um preço alto da cerveja, houve 23% de eliciação da variante *pinga*, 69% em relação a *cahaça* e apenas 8% de outras variantes; naqueles com cerveja de preço médio, houve 33% de eliciação da variante *pinga*, 64% da variante *cahaça* e apenas 3% de outras variantes; e, por fim, naqueles estabelecimentos com cerveja de preço baixo, 36% das eliciações foram de *pinga*, 55% de *cahaça* e apenas 9% de outras variantes.

Gráfico 3: Percentual das realizações de *pinga*, *cahaça* e outras variantes eliciadas em função do preço alto, médio e baixo da cerveja vendida nos bares visitados.



Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Desse modo, a divisão dos índices de IDH e de preço da cerveja em alto, médio e baixo nos permite observar a estratificação social. Assim, em ambos os casos (Gráficos 2 e 3), podemos generalizar afirmando que, em bares com estratificação social alta e média, a *cahaça* predomina como variante. Já nos bares com estratificação social baixa realiza-se mais a variante *pinga*, comparativamente aos índices médio e alto, ainda que ela não tenha atingido a maioria na nossa pesquisa em nenhum dos parâmetros analisados. À medida que a estratificação social do bar fica mais alta, a variante *pinga* se torna mais rara no momento da eliciação. Isso provavelmente se deve ao fato de que essa variante é estigmatizada.

Um ponto contrastante entre os dois gráficos e, portanto, entre os dois índices usados para diagnosticar a estratificação social, é que a eliciação da *cahaça* sobressaiu percentualmente no IDH médio, mais até do que no IDH alto, o que não ocorreu em relação ao preço da cerveja. Isso pode se valer da pequena quantidade de bares em IDH médio que foram visitados (apenas 11), limitando o alcance de nossos dados relativos a esse IDH.

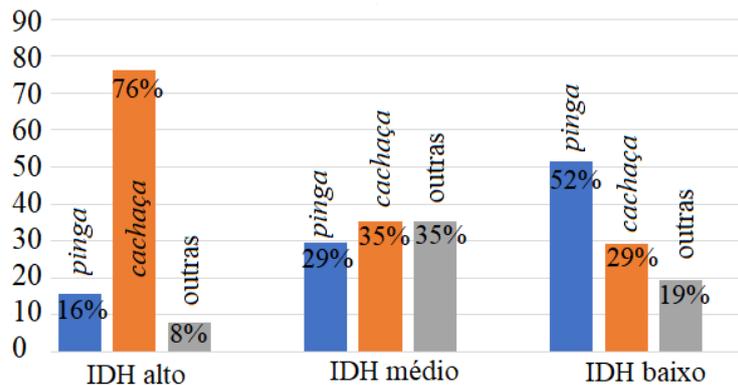
Variante mais comum segundo o atendente e estratificação social

A preferência por *cahaça*, de acordo com o ambiente, foi mais bem atestada quando usamos o IDH para verificar a variante que é mais observada pelo atendente. Nesse âmbito, consideramos a resposta do entrevistado sobre qual variante ele mais

ouviam em seu ambiente de trabalho. Ou seja, a variante mais usada pelos clientes do bar segundo as observações do atendente, sendo resguardada a opção de escolher mais de uma variante. Dispomos essa relação entre a variante observada e o IDH da região dos bares no Gráfico 4.

Em dados numéricos, nos bares situados em região de IDH alto, 6 atendentes consideraram *pinga* uma variante comum no estabelecimento, 29 consideraram *cachaça* como comum e 3 consideraram outras variantes, como *aguardente* (2) e *meiota* (1). Nos bares situados em região de IDH médio, 5 atendentes consideraram *pinga* como variante comum, 6 consideraram *cachaça* e 6 atendentes consideraram outras variantes, como *aguardente* (1), *aperitivo* (3) e *dose* (2). Nos bares situados em região de IDH baixo, 16 atendentes consideraram *pinga* a variante mais comum (ou uma das variantes mais comuns, em alguns poucos casos), 9 consideraram a variante *cachaça* e 6 consideraram outras variantes, como *branquinha* (2), *marvada* (2), *pura* (1) e *birita* (1).

Gráfico 4: Percentual de menções a *pinga*, *cachaça* ou outras variantes como as mais usadas no bar, em função do IDH da região.



Fonte: dados da pesquisa, 2017.

De fato, a influência da comunidade de fala que analisamos nos diferentes IDH do Gráfico 4 refletiu e reforçou o estigma da variante *pinga* em um espaço estratificado socioeconomicamente. Em bares com IDH mais baixo, os atendentes consideraram que era mais presente, sendo o contrário da percepção dos atendentes dos bares em regiões de alto IDH. Assim, parece que *pinga* era associada a classes mais baixas e bares menores (ditos bares “copo sujo” pelos atendentes entrevistados em regiões com IDH médio e alto).

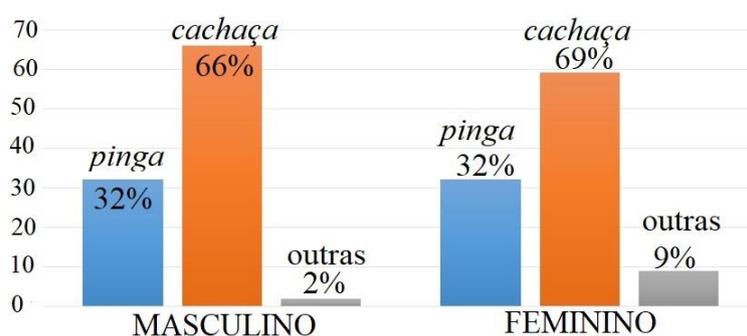
Variante eliciada e gênero

Buscando analisar a relação entre o gênero do falante e realização ou não da variante de prestígio e da variante estigmatizada, primeiramente analisamos a eliciação de cada variante em relação ao gênero do atendente. O Gráfico 5 mostra os resultados

gerais percentuais do uso das variantes *pinga*, *cachaça* e de outras variantes, que foram *aperitivo* e *salinas*, em função do gênero, masculino ou feminino.

Os valores percentuais do Gráfico 5 são baseados nos seguintes números: para o gênero feminino, um total de 7 eliciações da variante *pinga*, 12 da variante *cachaça* e 2 de outras variantes; para o gênero masculino, 14 eliciações da variante *pinga*, 30 da variante *cachaça* e 1 de outra variante. Percentualmente, temos que as atendentes do gênero feminino realizaram 32% de *pinga*, 69% de *cachaça* e 9% de outras variantes eliciadas; ao passo que os atendentes do gênero masculino realizaram 32% de *pinga*, 66% de *cachaça* e 2% de outras variantes.

Gráfico 5: Percentual das realizações de *pinga*, *cachaça* e outras variantes eliciadas em função do gênero masculino ou feminino.



Fonte: dados da pesquisa, 2017.

O esperado era que as mulheres usariam mais a variante de prestígio, pois, como vimos, há estudos que indicam que elas sejam mais atentas aos fatores linguísticos de estratificação social (PAIVA, 1992). Contudo, observamos, no Gráfico 5, uma similaridade entre os percentuais de uso de variantes por falantes tanto do gênero masculino, quanto do gênero feminino.

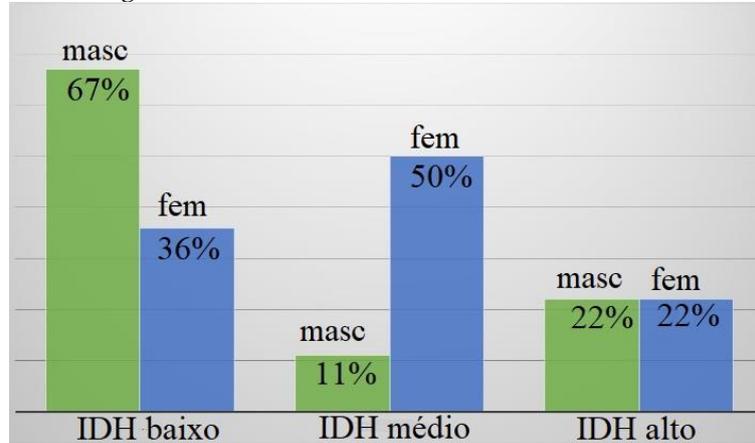
Variante eliciada, gênero e estratificação social

Seguindo o mesmo objetivo, posteriormente selecionamos o percentual da ocorrência da variante estigmatizada para cada gênero, isto é, da variante *pinga*. Cruzamos essa informação com os níveis de estratificação social dos bares; primeiro, em função do IDH e, segundo, em função do preço da cerveja. Essa relação está disposta, respectivamente, nos Gráficos 6 e 7.

Assim, o Gráfico 6 dispõe sobre a ocorrência da variante *pinga* em função do gênero nos diferentes IDH visitados. No IDH baixo, tivemos 8 ocorrências de *pinga* para o gênero masculino, o que corresponde a 67%, e 4 ocorrências de *pinga* para o gênero feminino, o que corresponde a 36%. No IDH médio, tivemos 1 ocorrência de *pinga* para cada gênero, o que representa 11% das ocorrências de variantes realizadas por atendentes masculinos e metade das ocorrências de variantes realizadas por atendentes femininas. No IDH alto, houve 5 ocorrências de *pinga* feitas pelo gênero masculino e 2

ocorrências realizadas pelo gênero feminino, correspondendo a 22% das ocorrências de alguma variante em cada gênero.

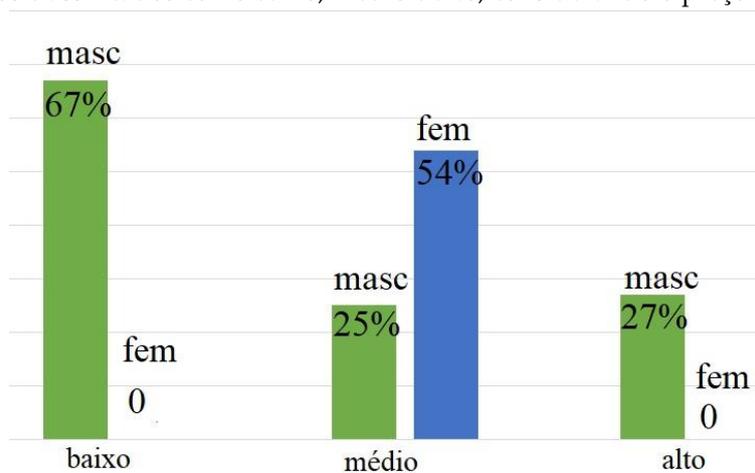
Gráfico 6: Percentual das realizações da variante eliciada *pinga* para os gêneros masculino e feminino em cada IDH regional, baixo, médio e alto.



Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Já no Gráfico 7, a mesma comparação é feita, mas usando o preço da cerveja como referência. Nesse caso, foram 3 ocorrências masculinas (67%) e 0 femininas da variante *pinga* nos estabelecimentos de preço baixo. Foram 6 ocorrências de *pinga* feitas por um atendente do gênero masculino (25%) e 7 feitas por uma atendente do gênero feminino (54%) nos bares de preço médio. Por fim, nos bares de preço alto, 3 atendentes de gênero masculino realizaram a variante *pinga* no momento da eliciação, correspondendo a 27% das eliciações deles, e 0 realizações feitas por atendentes do gênero feminino.

Gráfico 7: Percentual das realizações de *pinga* para os gêneros masculino e feminino nos estabelecimentos classificados como baixo, médio e alto, considerando o preço da cerveja.



Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Com base nos dados, os atendentes do gênero masculino aparentemente comportam-se de forma semelhante em função dos dois aspectos (IDH e preço da cerveja). Nos bares definidos como baixos em ambos os conceitos trabalhados, mais da

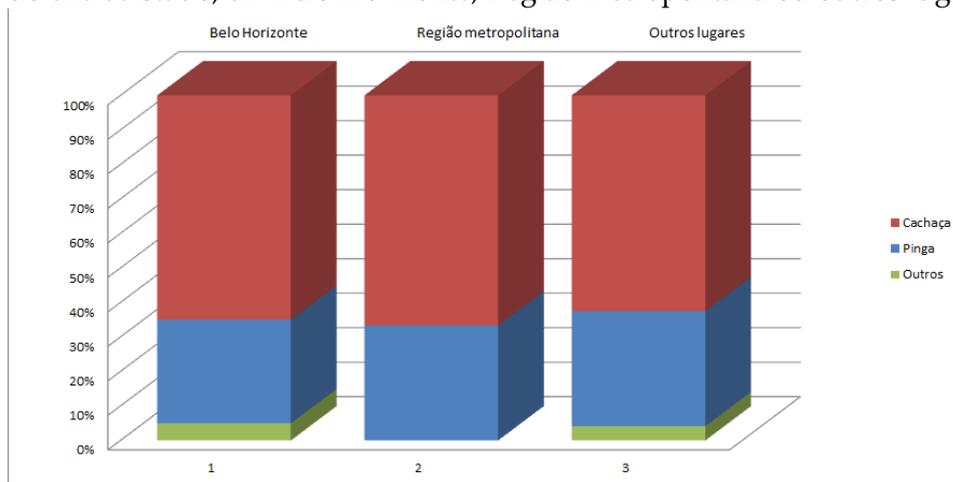
metade dos homens (67%) optaram pela variante *pinga* e não outra. Nos bares médios, o percentual de realização da variante *pinga* foi o menor entre os homens, mantendo-se entre 10 e 25%. Por fim, nos bares altos, há o percentual entre 20 e 30% de uso da variante *pinga* entre os homens, embora seja maior do que nos bares médios. Isso se aplica tanto para análise pelo IDH quanto para o preço da cerveja.

Porém, em relação ao gênero feminino, não foi possível observar uma verdadeira regularidade. Isso pode ser devido à quantidade não tão expressiva de atendentes do gênero feminino que foram encontrados nos bares. A quantidade de mulheres, então, fica ínfima após dividirmos os dados em níveis de estratificação social. Dessa forma, nossos dados a respeito de atendentes do gênero feminino ficam restritos a pouquíssimos indivíduos e não conseguimos discriminar as tendências gerais das idiosincrasias.

Variante de prestígio e local de residência prévia

Tentamos verificar se os locais de residência prévios do atendente demonstravam alguma mudança na variante eliciada. O Gráfico 8 considera a residência anterior do atendente e as variantes eliciadas. Nele, não vemos o mesmo padrão em cada um dos três casos: o caso em que o atendente sempre residiu em Belo Horizonte, em que residiu em outra localidade da Região metropolitana e o caso em que residiu em outros lugares, que poderiam ser, inclusive, em outros estados. Assim, independentemente disso, os atendentes realizaram as variantes *pinga* e *cachaça* em proporções semelhantes, com o número de realizações de *pinga* sendo inferior ao de *cachaça*.

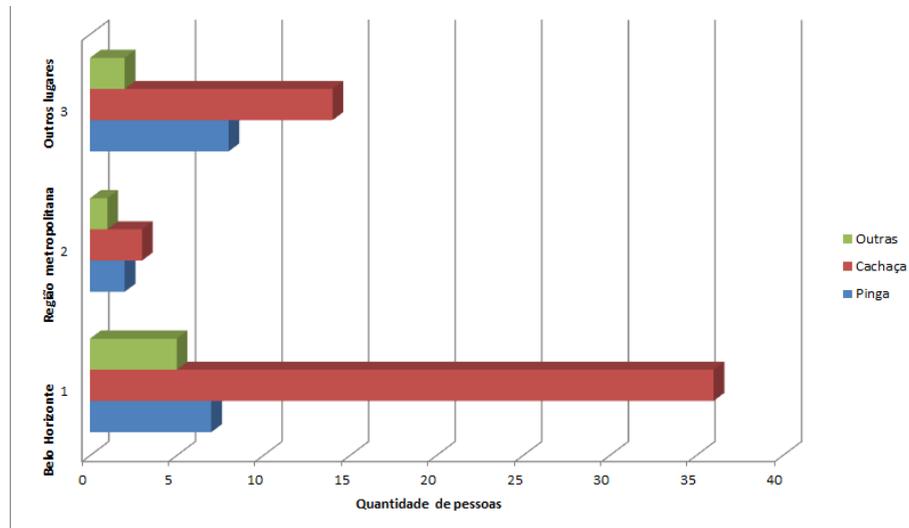
Gráfico 8: Percentual de realização da variante eliciada em função do local de residência prévia do entrevistado, em Belo Horizonte, Região metropolitana ou outros lugares.



Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Nota-se que a variante eliciada, quando disposta em números e no contexto da residência prévia do atendente, era majoritariamente *cachaça*. Isso se repete quando perguntamos qual a variante de maior prestígio, conforme o Gráfico 9 mostra em linhas gerais.

Gráfico 9: Percentual de escolha pela variante de maior prestígio em função do local de residência anterior do entrevistado, em Belo Horizonte, Região metropolitana ou outros lugares.



Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Diante das explorações desta seção de análise dos dados, vimos que apenas a estratificação social dos bares, quando relacionada às variantes eliciadas ou às variantes observadas, proporcionou uma visualização de possíveis tendências gerais para a escolha e a percepção das variantes. Consideramos que os demais cruzamentos de dados, mesmo os que não foram expostos neste texto, não demonstraram tendências gerais observáveis.

Desse modo, obtivemos análises relevantes no cruzamento entre variante eliciada e estratificação social e entre variante (mais) comum segundo o atendente e estratificação social; mas não obtivemos resultados satisfatórios nas análises entre variante eliciada e gênero, variante eliciada, gênero e estratificação social ou variante de prestígio e local de residência prévia. A seguir, vemos como isso tem relação com as limitações do trabalho.

Limitações do trabalho

Houve, assim, algumas barreiras que nos impediram de concluir o trabalho com a excelência que tínhamos proposto no início da pesquisa. Assim, consideramos a possibilidade de que a escolha de uma ou de outra variante pelo falante apresentou uma tendência observável somente na situação de atendimento em bares e da escolha pela variante de prestígio. Devido à restrição do tema escolhido, tentamos considerar o maior número de variáveis independentes possível e coletar uma quantidade expressiva de dados.

Contudo, em consequência do pouco tempo que tivemos disponível, de cerca de quatro meses, o número de entrevistas ainda sim foi menor que o esperado. Isso gerou algumas dificuldades na análise do cruzamento de dados relativos aos pares variante eliciada e gênero do atendente e variante eliciada e local de residência prévia, por exemplo, impedindo uma análise mais precisa de tendências sociolinguísticas gerais nesses casos.

Mesmo com um pequeno volume de dados, a dificuldade na manipulação matemática dos dados coletados pode ser citada como uma limitação. O domínio de operações estatísticas mais sofisticadas seria muito importante em uma pesquisa sociolinguística que tentasse fazer generalizações sobre a interação de variáveis.

Ainda, devido a essas dificuldades, não foi possível analisar as tendências gerais em função das outras variáveis independentes coletadas, como a idade, a raça, a escolaridade e a uniformização dos atendentes. Todavia, este estudo inicial nos atentou para a importância de considerar essas variáveis em uma pesquisa futura sobre o assunto, especialmente uma que buscasse a coleta e a manipulação estatística de um grande volume de dados sociolinguísticos.

Ademais, houve limitações relacionadas ao número de membros da equipe, que correspondia a apenas três. Por isso, houve falta de acesso a locais com IDH mais discrepantes, também devido ao fato de que nenhuma das integrantes pôde ir a cidades interioranas no período de desenvolvimento da pesquisa. Além disso, tínhamos somente entrevistadoras do gênero feminino, o que, como vimos, pode influenciar na realização linguística dos entrevistados, também contribuindo para o insuficiente apuramento da conclusão.

Considerações finais

A maioria dos falantes usava as variantes como sinônimas, realmente considerando e compreendendo que *pinga* e *cachaça* eram o mesmo produto. Todavia alguns falantes afirmaram que pode existir uma pequena diferença semântica entre elas, ainda que ambas fossem produtos derivados da cana. A *pinga* seria o primeiro produto da destilação da cana, ao passo que, a *cachaça*, seria produto de processo de destilação posterior. Ou, ainda, a *pinga* seria apenas a bebida alcoólica destilada da cana produzida artesanalmente, enquanto a *cachaça* seria aquela produzida industrialmente. Entretanto, para a maioria dos falantes com os quais tivemos contato, as duas variantes eram usadas como sinônimos. Assim, nos pareceu que a escolha seria feita a partir da estratificação social da comunidade linguística a que eles pertenciam ou com a qual tinham maior contato.

Desse modo, o IDH da região e o preço da cerveja dos bares eram, notavelmente, as variantes independentes que mais pareciam estar relacionadas à escolha lexical, em Belo Horizonte. A variante *pinga* foi mais presente no momento da eliciação em bares de estratificação social mais baixa do que nos bares de estratificação social mais alta, seja pelo IDH da região do estabelecimento, seja pelo preço da cerveja considerada mais acessível e comum ao público – Brahma comum. Por isso, consideramos a *pinga* como a variante estigmatizada.

Desse modo, observamos que o ambiente com estratificação social mais baixa influencia na escolha da variante pelo falante. No caso da percepção pessoal do atendente a respeito da frequência das variantes, a *pinga* se sobrepôs à *cachaça* nesses locais. Entretanto, nos bares de estratificação social mais alta, a variante *cachaça* tinha grande preponderância, tanto na eliciação, quanto na percepção pessoal do atendente.

Portanto, ao analisarmos os gráficos apresentados e compararmos os dados, chegamos à conclusão de que a variável independente da UDH e a do preço da cerveja e, por conseguinte, a estratificação social, influenciam fortemente a variação e a escolha de uma forma lexical sobre a outra. Desse modo, reafirmamos nossa hipótese de que, entre *pinga* e *cachaça*, a variante *pinga* era mais estigmatizada e a variante *cachaça* era a de maior prestígio. Contudo, como a realização desta pesquisa foi limitada por ser um trabalho de graduação realizado apenas com três membros ativos na equipe, esperamos que trabalhos futuros possam aprimorar os métodos e as análises feitas nesta ocasião.

Referências

BARBOSA, Maria Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I Encontro de Estudos Linguísticos de Assis. *Anais*. Assis: UNESP, 1993.

BELL, Allan. Language style as audience design. *Language in society*, 13 (2):145-204, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S004740450001037X>. Acesso em: 20 junho 2020.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2 ed. Campo Grande: UFMS: 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós Chegemu na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2005, p. 39-52.

CARDOSO, Suzana Alice. *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. 2 v.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires de. A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p. 89-100.

LABOV, William. A estratificação social do (r) nas lojas de departamento na Cidade de Nova York. In: LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [Trad. orig. ing., 1. ed., 1972]. p. 63-90.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

- LAVANDERA, Beatriz R. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.
- NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecilia. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p. 43-50.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p. 33-42.
- PROGRAMA das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). *Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil*, 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/home/>. Acesso em: 20 junho 2020.
- PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: PRETI, Dino. *Léxico na língua oral e na língua escrita*. São Paulo: Humanitas FFLCH-USP, 2003, p. 47-67.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade da Costa. Cachaça: cultura, origem, variações. *Estudos Linguísticos e literários*, Salvador: ago/dez 2015, p. 03-26. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/2176-4794ell.v0i52.15461>. Acesso em: 20 junho 2020.
- SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecilia. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p. 67-71.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, jul./dez. 1998. p. 29-59. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.7.2.29-59>. Acesso: 20 junho 2020.
- YIDA, Vanessa. *O campo semântico da alimentação e cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <https://alib.ufba.br/o-campo-semantico-da-alimentacao-e-cozinha-no-atlas-linguistico-do-brasil-alib-um-estudo-lexical-nas>. Acesso em: 20 junho 2020.